



# VIRGINIA WOOLF

MRS.  
DALLOWAY



cavallo de ferro

Mrs. Dalloway disse que iria ela mesma comprar as flores.

Porque Lucy já tinha o que fazer. As portas seriam retiradas dos respectivos gonzos; os ajudantes da Rumpelmayer já vinham a caminho. E depois, pensou Clarissa Dalloway, que manhã – tão fresca, como se feita para crianças brincarem na praia.

Que prazer! Que mergulho! Pois era essa a sensação que sempre tinha em Bourton, quando, com um ligeiro ranger das dobradiças, que conseguia ouvir agora, abria as portadas das janelas de par em par e mergulhava no ar livre. Quão mais fresco, sereno e silencioso era esse ar, no início da manhã, do que este; semelhante ao ligeiro bater de uma onda; ao beijo de uma onda; frio, cortante e, contudo (para a rapariga de dezoito anos que nessa altura era), solene, sentindo como ela sentia, ali de pé junto à janela aberta, que algo de assombroso estava prestes a acontecer; olhando para as flores, para as árvores que a névoa ia abandonando, enquanto as gralhas subiam e desciam; ela ali de pé a espreitar, até Peter Walsh dizer, «A meditar no meio dos legumes?» – teria sido isso? – «Prefiro os homens às couves-flores» – teria sido isso? Deve tê-lo dito uma manhã ao pequeno-almoço, depois de ela ter saído para o terraço – Peter Walsh. Regressaria da Índia em breve, em Junho ou Julho, ela já não se lembrava ao certo do mês, até porque as cartas dele eram muitíssimo maçadoras; eram as suas palavras que ficavam na memória; os seus olhos, o canivete, o sorriso, a rabugice e, quando milhões de outras coisas já se tinham desvanecido – quão estranho isso era! –, alguns comentários, como esse acerca das couves.

Empertigou-se ligeiramente junto à berma, esperando que a carinha de Durtnall passasse. Uma mulher encantadora, pensou Scrope Purvis (que a conhecia como se conhece um vizinho que mora na casa ao lado da nossa em Westminster); havia nela um certo ar de pássaro, de gaio, verde-azul, uma certa ligeireza, uma vivacidade, embora já tivesse passado dos cinquenta e lhe tivesse embranquecido muito o cabelo depois da doença. Deixou-se ali ficar como que empoleirada, sem nunca olhar para ele, esperando a sua vez de passar, muito hirta.

Depois de ter vivido algum tempo em Westminster — iam já quantos anos? para mais de vinte —, uma pessoa consegue sentir, mesmo no meio do trânsito, ou quando desperta durante a noite, Clarissa estava segura disso, um silêncio especial, uma solenidade; um indescritível momento de pausa; uma suspensão (mas isso talvez se devesse ao seu coração, afectado pela gripe, como lhe diziam), antes de o Big Ben tocar. Ai estava ele! Já retumbava! Primeiro um aviso, melodioso; depois a hora, irrevogável. Os círculos de chumbo dissolviam-se no ar. Somos tão tolos, pensou ela ao atravessar Victoria Street. Só Deus sabe o porquê de amarmos tanto isto, de o concebermos desta maneira, imaginando-o, construindo-o à nossa volta, derrubando-o e recriando-o de raiz a cada momento; até as mendigas do mais baixo nível, as indigentes mais miseráveis que se vêem por aí sentadas às portas (bebendo a sua própria ruína) fazem o mesmo; por essa mesma razão, não era coisa que se pudesse resolver com decretos parlamentares, disso ela tinha a certeza: essas pessoas amavam a vida. Nos olhos das pessoas, no bulício, na pressa e na lentidão; no bramido e no tumulto da multidão; nas carruagens, nos automóveis, nas diligências, nas carrinhas, no passo arrastado ou vacilante dos homens-sanduíche; nas fanfarras e nos realejos; no esplendor, nos tinidos e no estranho, estridente cantar de um qualquer aeroplano lá no alto, em tudo isso se encontrava aquilo que ela amava; a vida; Londres; aquele momento de Junho.

Pois estava-se em meados de Junho. A Guerra já tinha acabado, excepto para pessoas como Mrs. Foxcroft, que ainda na noite passada, na embaixada, ficara absolutamente desolada porque aquele simpático rapazinho tinha sido morto e agora a velha Manor House

estava prestes a ir parar às mãos de um primo; ou como Lady Bexborough, que, segundo se dizia, tinha inaugurado uma quermesse, trazendo na mão o telegrama com a notícia da morte de John, o seu favorito; mas estava tudo acabado, graças a Deus – acabado. Estava-se em Junho. O rei e a rainha encontravam-se no palácio. E, embora fosse ainda muito cedo, ouvia-se por todo o lado um ressoar, um bulício de pôneis a galope, o bater de tacos de críquete; Lords, Ascot, Ranelagh e tudo o mais; tudo envolvido na ténue malha da atmosfera cinzento-azulada da manhã, que, à medida que o dia avançava, acabava por libertá-los a todos, fazendo assentar nos seus relvados e terrenos os enérgicos pôneis, cujas patas dianteiras batiam no chão e logo saltavam para o ar, o corrupio dos rapazes e as raparigas gargalhando nos seus vestidos de musselina transparente, que, mesmo agora, depois de terem passado a noite inteira a dançar, levavam os seus cães absurdamente peludos a dar um passeio; e mesmo agora, a esta hora, viúvas discretas saíam a toda a brida nos seus automóveis rumo a misteriosos afazeres; e os lojistas alvoroçavam-se junto às respectivas vitrinas com os seus diamantes e as suas pedras falsas, os seus velhos e encantadores broches verde-mar, encastoados ao estilo do século XVIII para cativar os americanos (mas era necessário poupar, não podia precipitar-se e comprar coisas para Elizabeth), e também ela, que amava tudo isso com uma fiel e absurda paixão, fazendo igualmente parte do que ia observando, pois descendia de uma família de cortesãos dos tempos dos Jorges, também ela iria nessa mesma noite deslumbrar e irradiar, dar a sua festa. Mas como era estranho, ao entrar no parque, o silêncio; a neblina, o zumbido, os patos felizes que nadavam morosamente, as aves papudas que se bambolevavam; e quem poderia estar a aproximar-se nesse momento, de costas para os edifícios do Governo, como não poderia deixar de ser, transportando uma pasta gravada com o brasão das armas reais, quem senão o próprio Hugh Whitbread; o seu velho amigo Hugh – o admirável Hugh!

– Bom dia, Clarissa! – disse Hugh num tom bastante enfático, pois conheciam-se já desde crianças. – Aonde vais?

— Adoro passear por Londres — disse Mrs. Dalloway. — Na verdade, é muito melhor do que passear no campo.

Tinham vindo de propósito — infelizmente — para irem ao médico. Outras pessoas vinham para ver quadros; outras ainda para irem à ópera; dar um passeio com as filhas; os Whitbread vinham para «irem ao médico». Clarissa já tinha visitado inúmeras vezes Evelyn Whitbread em casas de saúde. Estaria Evelyn novamente doente? Evelyn sentia-se bastante abatida, disse Hugh, dando a entender, com uma espécie de pose bojuda ou inchada do seu corpo bem ataviado, viril, muitíssimo gracioso e aprumado na perfeição (andava sempre quase demasiado bem vestido, mas seria de esperar que assim fosse, tendo em conta o pequeno cargo que ocupava na corte), que a sua mulher sofria de algum mal-estar interno, nada de grave, algo que Clarissa Dalloway, amiga de longa data, decerto entenderia sem que ele tivesse de entrar em pormenores. Ah, sim, claro que ela entendia; que chatice; e ao mesmo tempo sentiu-se muito fraternal e estranhamente consciente do chapéu que tinha na cabeça. Não era lá muito adequado para aquela hora da manhã, pois não? Até porque Hugh fazia-a sempre sentir-se — muito enérgico ao seu lado, erguendo o chapéu com um gesto bastante extravagante, assegurando-lhe que ela poderia perfeitamente passar por uma rapariga de dezoito anos, e naturalmente ele iria à festa dela nessa noite, Evelyn fazia questão nisso, talvez chegasse apenas um pouco mais tarde, depois da recepção no palácio, à qual ele teria de acompanhar um dos rapazes de Jim — fazia-a sempre sentir-se um tanto insignificante ao seu lado; um pouco colegial; e contudo, sentia-se próxima dele, em parte por o conhecer desde sempre, e não deixava de achá-lo boa pessoa, à sua maneira, claro, embora a companhia de Hugh deixasse Richard à beira de um ataque de nervos, e quanto a Peter Walsh, até esse dia nunca tinha conseguido perdoá-la por gostar dele.

Clarissa conseguia lembrar-se de todas as cenas passadas em Bourton, uma após a outra — Peter furioso; e depois Hugh, que não era de todo alguém que estivesse à altura dele, naturalmente, embora também não fosse um autêntico imbecil, como Peter quisera dar

a entender, ou um mero peralvilho. Quando a sua mãe, já velhota, lhe pedia que se deixasse de caçadas ou que a levasse a Bath, ele fazia-lhe a vontade, sem dizer uma palavra; era realmente altruísta, e quanto a dizer-se que era um homem sem coração, como Peter dizia, ou desprovido de cérebro, um homem que nada tinha a seu favor além dos modos e da educação de um cavalheiro inglês, isso eram apenas coisas do querido Peter quando estava nos seus piores dias; e de facto Hugh conseguia ser insuportável, impossível de se aturar, mas também podia ser uma bela companhia para dar um passeio numa manhã como esta.

(Junho tinha feito brotar uma por uma as folhas das árvores. As mães de Pimlico davam de mamar aos seus filhos. As mensagens circulavam da Armada para o Almirantado. Arlington Street e Piccadilly pareciam aquecer o próprio ar do parque, fazendo despontar as folhas, ardente, brilhantemente, em vagas dessa divina vitalidade que Clarissa amava. Dançar, montar a cavalo, tudo isso ela havia amado.)

Podiam estar separados centenas de anos, ela e Peter; ela nunca lhe escreveu uma carta, e as dele eram secas como palha; mas de súbito ela lembrava-se, O que diria ele se estivesse aqui comigo agora? — certos dias, certos lugares faziam-na recordar-se dele, mas com serenidade, sem a antiga amargura; o que talvez fosse a recompensa merecida por se dedicar às pessoas; regressavam os dois pelo meio de St. James's Park numa bela manhã — regressavam os dois, de facto. Mas Peter — por muito bonito que o dia pudesse estar, e as árvores e a relva, mais a menina vestida de cor-de-rosa — Peter nunca reparava nessas coisas. Acabava por pôr os óculos, se ela lho pedisse; e depois olhava em volta. Era o estado do mundo que cativava o seu interesse; Wagner, a poesia de Poe, o eterno carácter das pessoas e os defeitos da alma dela. Como ele a censurava! Como discutiam! Ela acabaria por casar com um primeiro-ministro e exhibir-se no alto de uma escadaria; a perfeita anfitriã, chamara-lhe ele certa vez (e ela chorara ao pensar nisso, fechada no quarto), tinha sido talhada para o papel de uma perfeita anfitriã, dissera-lhe.

Era assim que dava ainda por si a discutir com Peter em St. James's Park, ainda a tentar provar a si mesma que tinha feito a coisa certa —

e tinha, de facto – ao não casar com ele. Pois num casamento é necessário que haja uma certa medida de liberdade, uma certa medida de independência entre duas pessoas que vivem dia após dia na mesma casa; algo que Richard lhe tinha concedido, e ela a ele. (Onde estaria ele nessa manhã, por exemplo? Nalguma reunião, ela nunca perguntava nada.) Mas com Peter, tudo tinha de ser partilhado; tudo tinha de ser escrutinado. Era insuportável, e quando lhe ocorria aquele episódio no pequeno jardim junto à fonte, voltava a lembrar-se de que não tivera outra escolha senão romper com ele, caso contrário ter-se-iam destruído um ao outro, teria sido a ruína de ambos, Clarissa tinha a certeza disso; embora durante anos tivesse sofrido com essa dor, como se uma seta cravada no seu coração lhe espicaçasse o sofrimento, a angústia; e então seguira-se o horror do momento em que alguém lhe contara num concerto que ele tinha casado com uma mulher que conhecera no barco, quando partira para a Índia! Jamais se esqueceria disso! Fria, cruel, puritana, fora o que ele lhe chamara. Jamais iria compreender o quanto ele a amava. Mas essas mulheres indianas talvez fossem capazes de compreender – essas simplórias tolinhas, bonitinhas e frívolas. E ela desperdiçava a sua piedade. Pois ele era muito feliz, segundo lhe assegurava – muitíssimo feliz, embora nunca tivesse chegado a fazer nada daquilo que noutros tempos haviam conversado os dois; toda a sua vida tinha sido um completo fracasso. Isso ainda a deixava zangada.

Alcançara entretanto os portões do parque. Deteve-se por instantes a observar as diligências que circulavam em Piccadilly.

Agora, já não seria capaz de dizer a respeito de ninguém que essa pessoa era isto ou aquilo. Sentia-se muito jovem e, ao mesmo tempo, indizivelmente velha. Trespassava todas as coisas como uma faca e, ao mesmo tempo, estava do lado de fora, a observar tudo. Ao esperar os táxis, era invariavelmente acometida pela sensação de estar longe, muito longe, perdida algures no meio do mar, sozinha; tinha sempre a impressão de que era muito, mesmo muito perigoso viver um só dia que fosse. Não que se achasse especialmente inteligente, ou mesmo fora do comum. Não conseguia sequer imaginar como tinha sobrevivido até agora, contando apenas com os parques

conhecimentos que *Fräulein* Daniels lhes transmitira. Não sabia nada; não sabia línguas, não sabia história; agora, eram raras as vezes em que pegava num livro, salvo os livros de memórias que lia na cama; mas aquilo não podia ser mais absorvente; tudo; os táxis que passavam; e agora, já não era capaz de dizer a respeito de Peter, a respeito de si mesma, eu sou isto ou eu sou aquilo.

O seu único dom era conhecer as pessoas quase por instinto, pensou ela, continuando a caminhar. Se a pusessem numa sala com alguém, eriçava-se toda como um gato; ou então ronronava. Devonshire House, Bath House, a casa com a catatua de porcelana, noutros tempos ela chegara a ver todos esses palacetes iluminados; e lembrava-se de Sylvia, de Fred, de Sally Seton — toda essa gente; e de dançar a noite inteira; e das carroças que se deslocavam pesadamente na direcção do mercado; e de atravessar o parque, de carruagem, no regresso a casa. Lembrava-se de ter atirado certa vez um xelim para o fundo do Serpentine. Mas toda a gente tinha as suas memórias; aquilo que ela amava era isto, aqui e agora, o que tinha à frente dos olhos; a senhora obesa enfiada no táxi. Importava realmente, perguntou de si para si ao caminhar na direcção de Bond Street, será que importava que também ela tivesse inevitavelmente de deixar de existir; que tudo aquilo que a rodeava tivesse de continuar sem ela; será que se ressentia disso, ou não seria mais consolador acreditar que a morte ditaria o fim de tudo? Mas quem sabe se ela não sobrevivia de certo modo nas ruas de Londres, no fluxo e refluxo das coisas, aqui e ali, tal como Peter, vivendo os dois um no outro, fazendo ela parte, disso tinha a certeza, das árvores lá em casa; daquela casa tão feia, a cair aos bocados como estava; parte das pessoas com quem nunca se tinha encontrado, o seu ser estendendo-se como uma névoa por entre as pessoas que melhor conhecia, que a erguiam no alto dos seus ramos, como ela vira as árvores a erguerem a névoa, e, contudo, espargindo-a para tão longe, a sua vida, a sua pessoa. Mas em que estaria ela a devanear enquanto espreitava a montra da Hatchards? O que estaria ela a tentar resgatar da memória? Que imagem era essa, de um pálido amanhecer no campo, surgida enquanto lia na página do livro aberto à sua frente:



Não temas mais o sol ardente  
Nem as furiosas raivas do Inverno<sup>1</sup>

Esta última experiência do mundo tinha aberto em todos eles, homens e mulheres, um poço de lágrimas. Lágrimas e mágoas; coragem e tenacidade; uma postura absolutamente recta e estóica. Pense-se, por exemplo, na mulher que ela mais admirava, Lady Bexborough, ao inaugurar a quermesse.

Havia na montra o *Jorrocks' Jaunts and Jollities*; havia o *Soapy Sponge* mais as *Memoirs* de Mrs. Asquith e o *Big Game Shooting in Nigeria*, todos eles abertos à sua frente. Havia sempre tantos livros; mas nunca nenhum que parecesse totalmente adequado para levar a Evelyn Whitbread, que se encontrava numa casa de saúde. Nada que pudesse servir para diverti-la e fazer aquela mulherzinha indelicadamente seca parecer ao menos cordial por alguns instantes, quando Clarissa entrasse; antes que se decidissem as duas a dar início à habitual conversa interminável sobre maleitas femininas. Queria tanto que as pessoas parecessem satisfeitas assim que a vissem entrar, pensou Clarissa, e então deu meia-volta e começou a caminhar novamente na direcção de Bond Street, agora aborrecida, já que era tolo ter outras razões para fazer as coisas. Preferiria sem dúvida alguma ser uma daquelas pessoas, como Richard, que faziam as coisas por si mesmas, ao passo que ela, pensou enquanto esperava para atravessar a rua, metade das vezes não fazia as coisas simplesmente por si mesmas; mas sim para levar as outras pessoas a pensar isto ou aquilo; sabia que isso era uma perfeita idiotice da sua parte (e agora o polícia punha a mão no ar), pois nem por um segundo as pessoas se deixavam enganar. Oh, se ao menos pudesse começar a sua vida de novo!, pensou, pisando já o passeio, como até a sua aparência teria sido diferente!

Em primeiro lugar, teria sido morena como Lady Bexborough, com uma pele semelhante a couro amarfanhado e uns belos olhos.

1 No original: «Fear no more the hear o' the sun / Nor the furious winter's rages.»  
Versos de William Shakespeare retirados da peça *Cymbeline*, Acto IV, Cena 2. [N. T.]

Como Lady Bexborough, teria sido morosa e imponente, mais para o forte; interessada em política, como os homens; proprietária de uma casa de campo; muito digna, muito sincera. Ao invés disso, tinha uma figura estreita, como um pau de virar tripas; um rosto pequenino e ridículo, afilado como o de um pássaro. Não deixava de ser verdade que tinha uma boa postura; e tinha também umas belas mãos e uns belos pés; e vestia-se bem, tendo em conta o pouco que gastava. Mas agora este corpo que usava (parou para olhar para uma pintura holandesa), este corpo, com todas as suas capacidades, parecia-lhe muitas vezes um nada — uma nulidade absoluta. Acometia-a a bizarra sensação de ser invisível; inobservada; desconhecida; agora que já não haveria mais casamentos, agora que já não voltaria a ter filhos, restava-lhe aquele espantoso e muito solene progresso com os outros, ao longo de Bond Street, sendo apenas Mrs. Dalloway; já nem sequer Clarissa; sendo tão-só Mrs. Richard Dalloway.

Bond Street fascinava-a; Bond Street bem cedo pela manhã, naquela estação; com as suas bandeiras a esvoaçar; as suas lojas; sem ostentação, sem grande esplendor; uma medida de tecido *tweed* na loja onde o seu pai havia comprado os fatos ao longo de cinquenta anos; umas quantas pérolas; salmão num bloco de gelo.

— É tudo — disse ela, de olhos postos na peixaria. — É tudo — repetiu, detendo-se por instantes junto à montra de uma loja de luvas onde, antes da Guerra, se podia comprar um par de luvas quase sem defeito. E o seu velho tio William costumava dizer que se podia reconhecer uma senhora pelos sapatos e pelas luvas que usava. Certa manhã, ainda a guerra ia a meio, ele voltara para a cama. Dissera, «Estou farto.» Luvas e sapatos; ela tinha uma paixão por luvas; mas a própria filha, a sua Elizabeth, não queria saber dessas coisas para nada.

Para nada, pensou ela, continuando a subir Bond Street, na direcção de uma loja onde lhe reservavam flores sempre que dava uma festa. Elizabeth gostava do seu cão, acima de tudo. Nessa manhã, toda a casa cheirava a alcatrão. Ainda assim, sempre era preferível o pobre *Grizzle* a Miss Kilman; sempre era preferível a esgana, o alcatrão e tudo o mais a ficar enclausurada num quarto abafado com um livro de orações! Tudo menos isso, sentia-se

tentada a dizer. Mas talvez fosse só uma fase, como dizia Richard, uma fase por que todas as raparigas passam. Talvez fosse estar apaixonada. Mas porquê por Miss Kilman?, que tinha sido maltratada, como se sabia; tinha-se de dar-lhe esse desconto, e Richard dizia que ela era muito capaz, que tinha uma mente verdadeiramente histórica. Fosse como fosse, eram as duas inseparáveis, e Elizabeth, a sua própria filha, costumava ir à comunhão; e não queria saber para nada da forma como se vestia, da forma como tratava as pessoas que iam almoçar lá a casa, e Clarissa sabia por experiência própria que o êxtase religioso tornava as pessoas insensíveis (à semelhança do que acontecia com as causas); embotava-lhes os sentimentos, pois embora Miss Kilman fosse capaz de fazer tudo pelos russos, de passar fome pelos austríacos, em privado era capaz de infligir a si mesma uma verdadeira tortura, de tal modo era insensível, vestida com um impermeável verde. Ano após ano usava aquele casaco; transpirava; bastava estar connosco cinco minutos numa sala para nos fazer sentir na pele a sua superioridade, a nossa inferioridade; a pobreza em que ela vivia, em contraste com a nossa opulência; o facto de viver num bairro degradado sem dispor de uma almofada ou de uma cama ou de um tapete ou do que quer que fosse, toda a sua alma enferrujada com aquele rancor que se lhe agarrava, a forma como tinha sido dispensada da escola durante a Guerra – pobre criatura, tão amargurada e desgraçada! Pois não era ela própria que suscitava o ódio, mas sim a ideia que se fazia da sua pessoa, ideia essa que indubitavelmente incluía uma série de coisas que não eram Miss Kilman; ela tornara-se um desses espectros contra os quais combatemos durante a noite; um desses espectros que se agarram a nós e sugam metade da nossa vitalidade, dominadores e tiranos; pois sem dúvida que com um outro lançar de dados, ficando o preto para cima e não o branco, ela teria adorado Miss Kilman! Mas não neste mundo. Não.

Ainda assim, mexia-lhe com os nervos ter esse monstro brutal a bulir constantemente no seu íntimo! Ouvir os ramos a quebrarem-se e sentir os cascos a afundarem-se nas profundezas dessa floresta coberta de folhagem, a alma; nunca se dar por totalmente satisfeita ou

sentir-se totalmente segura, pois a qualquer momento aquela criatura selvagem começaria a mexer-se, esse ódio que, especialmente desde a sua doença, tinha o poder de fazê-la sentir-se arranhada, ferida na espinha; um ódio que lhe infligia uma dor física e que conseguia abalar todo o prazer que ela poderia sentir na beleza, na amizade, no bem-estar, em ser amada e em fazer do seu lar um refúgio encantador, todas essas coisas soçobrando como se de facto existisse um monstro a arrancá-las pelas raízes, como se toda essa panóplia de satisfações nada mais fosse do que amor-próprio! Esse ódio!

Disparate, disparate!, gritava para si mesma, abrindo caminho pelas portas de vaivém dos floristas Mulberry.

Avançou com ligeireza e confiança, muito direita, e de pronto foi recebida pelo rosto arredondado de Miss Pym, cujas mãos estavam sempre vermelhuscas, como se ela as conservasse em água fria com as flores.

E se havia flores!: delfínios, ervilhas-de-cheiro, molhos de lilases; e cravos, uma profusão de cravos. Havia rosas; havia lírios. Ah, sim – era tudo isso mais o cheiro da terra que ela respirava naquele fragrante jardim enquanto ia conversando com Miss Pym, que lhe devia favores e a achava uma pessoa amável, pois amável tinha sido anos antes; muito amável, mas nesse ano parecia mais velha, virando a cabeça para um lado e para o outro no meio dos lírios e das rosas e dos oscilantes tufos de lilases, com os olhos semicerrados, inalando, depois do rebuliço das ruas, aquela deliciosa fragrância, aquela maravilhosa frescura. E depois, ao abrir os olhos, quão frescas pareciam as rosas, como roupa branca de linho, pregueada e acabada de sair da lavanderia, arrumada em cestos de verga; e quão rubros e empertigados lhe pareciam os cravos, segurando as cabeças ao alto; e todas aquelas ervilhas-de-cheiro espriadas nas jarras, com matizes violeta, brancas como a neve, pálidas – como se fosse de noite e as raparigas nos seus vestidos de musselina saíssem para colher ervilhas-de-cheiro e rosas após um soberbo dia de Verão, com um céu quase azul-escuro, e os seus delfínios, os cravos, as açucenas; e era aquele momento entre as seis e as sete da tarde em que cada flor – rosas, cravos, lírios, lilases – resplandece; branco, violeta, vermelho, laranja-escuro; cada flor

parece incandescer por si mesma, suave e pura em canteiros brumosos; e como ela amava as mariposas raiadas de branco e cinzento que esvoaçavam em redor, por cima do heliotrópio, por cima das primulas nocturnas!

E assim que começou a andar de jarra em jarra com Miss Pym, procurando escolher, disparete, disparete, dizia para si mesma num tom cada vez mais apaziguado, como se esta beleza, esta fragrância, esta cor, juntamente com o facto de Miss Pym gostar dela e confiar nela, fossem uma onda que ela deixava passar por cima de si, vencendo aquele ódio, aquele monstro, vencendo tudo; e depois essa onda começou a erguê-la cada vez mais alto até que – oh! um disparo vindo da rua lá fora!

– Estes automóveis, valha-me Deus! – disse Miss Pym, indo até à janela para espreitar e regressando depois com um sorriso de quem pede desculpa, com as mãos cheias de ervilhas-de-cheiro, como se aqueles automóveis, como se os pneus daqueles automóveis, fossem culpa *sua*.

A violenta explosão que tinha feito Mrs. Dalloway dar um salto e Miss Pym ir à janela e desculpar-se viera de um automóvel que encostara junto ao passeio precisamente do lado oposto ao da mostra da loja dos Mulberry. Os transeuntes, que naturalmente haviam parado para assistir à cena, tiveram apenas tempo de ver um rosto de alguém de suma importância junto ao estofado cinzento-claro, antes de uma mão masculina ter corrido a cortina, deixando apenas visível um quadrado de tecido cinzento-claro.

Porém, rapidamente começaram a correr boatos, desde o meio de Bond Street até Oxford Street, de um lado, e até à perfumaria de Atkinson, do outro, circulando de modo invisível, inaudível, à semelhança de uma nuvem célere, uma espécie de véu sobre as colinas, e caindo efectivamente com a repentina gravidade e o silêncio de uma nuvem sobre rostos que segundos antes se haviam mostrado num completo desarranjo. Mas agora o mistério tinha-os roçagado a todos com a sua asa; tinham ouvido a voz da autoridade; o espírito da religião andava à solta, com os olhos bem vendados e os lábios

entreabertos. Mas ninguém sabia dizer que rosto era aquele que tinham visto. Seria o do príncipe de Gales, o da rainha, o do primeiro-ministro? De quem era aquele rosto? Ninguém sabia.

Edgar J. Watkiss, com o seu rolo de tubos de chumbo à volta do braço, disse numa voz audível e com evidente humor:

– É o automóvel do primo-ministro.

Septimus Warren Smith, que se achou impossibilitado de passar, ouviu-o.

Septimus Warren Smith, cerca de trinta anos, de rosto pálido e nariz aquilino, calçava uns sapatos castanhos, trazia vestido um sobretudo coçado e tinha uns olhos cor de avelã em que se podia notar o género de expressão apreensiva que faz autênticos estranhos ficarem igualmente apreensivos. O mundo tinha brandido o seu chicote; sobre quem se iria abater?

Tudo se immobilizara em redor. O ruído dos motores do automóvel soava como uma pulsação irregular que vibrasse em todas as partes de um corpo. O sol tornou-se extraordinariamente quente porque o automóvel detivera a marcha junto à montra da loja dos Mulberry; as velhotas que seguiam no cimo dos autocarros abriram as suas sombrinhas negras; aqui e ali, abriram-se também uma sombrinha verde e outra vermelha com um pequeno estalido. Ao aproximar-se da montra com os braços cheios de ervilhas-de-cheiro, Mrs. Dalloway espreitou a cena com o seu pequeno rosto rosado franzido, num esgar indagador. Estava toda a gente a olhar para o automóvel. Septimus também olhava. Os rapazes saltaram das suas bicicletas. O trânsito começou a acumular-se. O automóvel permanecia no mesmo lugar, com as cortinas corridas, e nelas formava-se um curioso padrão que lembrava uma árvore, pensou Septimus, e aos seus olhos esta convergência gradual de todas as coisas para um único centro, como se um qualquer terror estivesse prestes a vir à tona e a irromper em chamas, horrorizava-o. O mundo vacilava, estremecia e ameaçava irromper em chamas. Será que sou eu que estou a bloquear o trânsito, interrogou-se. Não era afinal para ele que todos olhavam e apontavam; não era afinal ele que estava ali sem se mexer, pregado ao passeio, com um propósito em mente? Mas que propósito?

– Vamos andando, Septimus – disse a sua esposa, uma mulher pequena, com uns grandes olhos e um rosto macilento e afilado; uma rapariga italiana.

Porém, a própria Lucrezia também não conseguia desviar o olhar do automóvel e do padrão de árvore que as cortinas formavam. Será que era a rainha quem seguia lá dentro – teria a rainha ido às compras?

O motorista, que entretanto estivera ocupado a abrir algo, a ligar algo, a desligar algo, entrou novamente no automóvel.

– Vamos – disse Lucrezia.

Mas o seu marido, pois estavam casados havia já quatro, cinco anos, deu um salto, estremeceu e disse, «Está bem!», num tom zangado, como se ela o tivesse interrompido.

As pessoas reparariam, por certo; as pessoas veriam, por certo. As pessoas, pensava ela ao observar a multidão, que por sua vez olhava fixamente para o automóvel; as pessoas inglesas, com as suas crianças, os seus cavalos e as suas roupas, que de certo modo ela não deixava de admirar; mas agora eram «pessoas», isto porque Septimus tinha dito, «Vou matar-me», uma coisa horrível de se dizer. E se essas pessoas o tivessem ouvido? Ela olhou para a multidão. Socorro, socorro!, era o que lhe apetecia gritar aos moços do talho e às mulheres. Socorro! Ainda no Outono passado ela e Septimus tinham estado juntos no Embankment, os dois tapados com a mesma manta, e quando Septimus ficara a ler um jornal em vez de conversar, ela arrancara-lho das mãos e rira na cara do velhote que tinha assistido à cena! Mas o fracasso é sempre algo que escondemos. Tinha de levá-lo dali para um parque qualquer.

– Agora vamos atravessar – disse ela.

Ela tinha direito ao braço do marido, embora não houvesse calor algum nesse toque. Aquilo que ele dava à esposa, uma mulher afinal tão simples, tão impulsiva, apenas com vinte e quatro anos e sem amigos em Inglaterra, que deixara Itália por causa dele, era apenas um osso.

O automóvel prosseguiu a marcha, ainda com as cortinas cerradas e um ar de reserva inescrutável, rumo a Piccadilly, ainda observado, ainda

a provocar esgares nos rostos que se juntavam de ambos os lados da rua, perpassando-os com a mesma lufada negra de veneração, fosse por rainha, príncipe ou primeiro-ministro, ninguém sabia dizer. O rosto em questão tinha sido avistado apenas por três pessoas, uma só vez e por meros segundos. Até o sexo da pessoa era agora motivo de disputa. Mas não podia haver dúvidas de que era a grandeza em pessoa que seguia sentada no interior; era a grandeza que passava, escondida, ao longo de Bond Street, à mera distância de um braço das pessoas comuns, que, pela primeira e última vez, poderiam encontrar-se a um passo da majestade de Inglaterra, desse eterno símbolo do Estado, que antiquários curiosos acabarão por reconhecer, examinando minuciosamente as ruínas do tempo, quando Londres for um caminho de terra cercado de matagal e toda essa gente que nesta manhã de quarta-feira estuga o passo ao longo do passeio não for mais do que um monte de ossadas com umas quantas alianças misturadas nas próprias cinzas, no meio de coroas de ouro de inúmeros dentes cariados. Nessa altura, o rosto avistado no automóvel será reconhecido.

Deve ser a rainha, pensou Mrs. Dalloway, saindo da loja dos Mulberry com as suas flores; a rainha. E durante uns segundos adoptou uma expressão extremamente digna ao postar-se diante da florista debaixo do sol, enquanto o automóvel passava em marcha lenta, com as cortinas cerradas. A rainha a caminho de algum hospital; ou a rainha que vai inaugurar alguma quermesse, pensou Clarissa.

Era uma multidão espantosa àquela hora do dia. Lords, Ascot, Hurlingham, o que se passaria?, perguntou a si mesma, pois o trânsito estava bloqueado. A classe média britânica sentada lado a lado no cimo dos autocarros com embrulhos e sombrinhas, sim, e até com peles, num dia como este, ainda mais ridícula, pensou ela, mais contrária a tudo o que uma pessoa pudesse sequer imaginar; e a própria rainha presa no trânsito; a própria rainha impedida de passar. Clarissa tinha ficado retida num lado de Brook Street; Sir John Buckhurst, o velho juiz, ficara parado no lado oposto, com o carro de per-meio (Sir John aplicara a lei durante anos e gostava de uma mulher



bem vestida), quando o motorista, debruçando-se um tudo-nada, disse ou mostrou algo ao polícia, que por sua vez fez uma saudação, ergueu o braço, acenou com a cabeça e fez o autocarro desviar-se para o lado, dando assim passagem ao automóvel. Em marcha lenta e sem fazer o menor alarido, o automóvel prosseguiu caminho.

Clarissa adivinhou; Clarissa sabia, claro; tinha visto algo branco, mágico e circular na mão do motorista, um disco com um nome gravado – o da rainha, do príncipe de Gales, ou do primeiro-ministro? –, disco que, à custa do seu próprio esplendor, abria caminho de forma fulgurante (Clarissa avistou o automóvel a diminuir, a desaparecer), para resplandecer mais tarde no meio de candelabros, insígnias reluzentes em forma de estrela e peitos hirtos de condecorações, entre Hugh Whitbread e todos os seus colegas, os cavalheiros de Inglaterra, nessa mesma noite no Palácio de Buckingham. Clarissa também ia dar uma festa. Empertigou-se ligeiramente; tal e qual como se mostraria no cimo das suas escadas.

O automóvel passara, mas deixara no seu rastro um ligeiro frémito que se espalhou pelas lojas de luvas, chapelarias e alfaiates em ambos os lados de Bond Street. Durante trinta segundos, todas as cabeças ficaram inclinadas na mesma direcção – a das montras. Entretidas a escolher um par de luvas – deviam dar pelo cotovelo ou subir mais um pouco, deviam ser amarelo-limão ou cinzento-pálido? –, as senhoras pararam; ao terminarem as suas frases, já algo tinha acontecido. Algo de tal modo insignificante no momento que nenhum instrumento de precisão, nem mesmo um que fosse capaz de detectar um tremor de terra na China, conseguiria registar a vibração; contudo, manifestava-se como algo de verdadeiramente impressionante no seu todo e emocionante na forma como parecia cativar toda a gente; pois em todas as chapelarias e alfaiatarias autênticos estranhos trocavam olhares entre si e pensavam nos mortos; na bandeira; no Império. Numa taberna situada numa rua secundária, um colonial começou a insultar a Casa de Windsor, o que levou a trocas de palavras, copos de cerveja partidos e a uma algazarra geral que estranhamente se fez repercutir nos ouvidos das raparigas que compravam roupa interior debruada com umas fitinhas

de um branco imaculado para as suas bodas. Pois a agitação provocada à superfície pelo automóvel que passara e desaparecera de vista tinha tocado em algo de muito profundo.

Depois de deslizar ao longo de Piccadilly, o automóvel virou para St. James's Street. Homens altos, homens de constituição robusta, homens bem vestidos, com os seus fraques, camisas brancas e os cabelos penteados com esmero para trás, homens que, por razões difíceis de discernir, permaneciam de plantão junto à janela de sacada do Brooks, mantendo as mãos por detrás das abas dos seus fraques enquanto olhavam para a rua, aperceberam-se instintivamente de que era a grandeza em pessoa que nesse momento passava, e a pálida luz dessa imortal presença recaiu sobre eles do mesmo modo que havia recaído antes sobre Clarissa Dalloway. Num ápice, puseram-se todos ainda mais direitos e afastaram as mãos, aparentando estarem prontos para defender Sua Majestade à boca do canhão, se tal fosse necessário, como os seus antepassados tinham feito. Os bustos alvos e as mesinhas ao fundo, em que se acumulavam exemplares da *Tatler* e sifões de água gasosa, pareciam aprovar; pareciam aludir aos campos ondulantes de trigo e às grandes casas senhoriais de Inglaterra; e repercutir o débil zunido das rodas do automóvel, como as paredes de uma galeria sussurrante amplificam uma só voz, tornando-a retumbante como se ressoasse na imensidão de uma catedral. Envolta num xaile, parada com as suas flores no passeio, Moll Pratt desejou felicidade ao bom do rapaz (seria o príncipe de Gales, por certo) e de bom grado teria atirado o preço de uma caneca de cerveja – um ramo de rosas – para St. James's Street, só pela alegria que sentia e pelo seu desdém pela pobreza, se o polícia não tivesse estado de olho nela esse tempo todo, desencorajando a lealdade de uma velha irlandesa. As sentinelas de St. James's fizeram continência; o guarda da rainha Alexandra aprovou o gesto.

Entretanto, uma pequena multidão tinha-se congregado junto aos portões do Palácio de Buckingham. Com um ar indiferente, ainda que confiante, toda essa gente pobre aguardava; olhavam para o palácio, onde esvoaçava uma bandeira; para a estátua da rainha Vitória, altaneira no seu pedestal; admiravam as suas cascatas

de água corrente, os seus gerânios; apontavam à distância para os automóveis que passavam na Mall, primeiro este, depois aquele; presunçosos, permitiam-se uma certa emoção sempre que viam algum plebeu a passar de automóvel, e depois lembravam-se do seu dever de guardar essa emoção para outras ocasiões ao mesmo tempo que viam este ou aquele automóvel passar; e durante todo esse tempo permitiam que o rumor se acumulasse nas suas veias e excitasse os nervos das suas coxas ao pensarem que a Realeza poderia estar de olhos postos neles; ao imaginarem a rainha a fazer uma vénia, o príncipe a dirigir-lhes uma saudação; ao pensarem na vida celestial divinamente outorgada aos reis; nos funcionários da casa real e nas vé-nias profundas; na velha casa de bonecas da rainha; na princesa Maria casada com um inglês, e também no príncipe – ah! o príncipe! – que se parecia tanto com o velho rei Eduardo, embora fosse muito mais magro. O príncipe morava em St. James’s; mas era bastante possível que aparecesse nessa manhã para visitar a mãe.

Assim o disse Sarah Bletchley, com o bebé nos braços, balançando o pé para cima e para baixo como se estivesse junto da lareira da sua casa em Pimlico, mas sem desviar os olhos da Mall, enquanto Emily Coates percorria com o olhar as janelas do palácio e pensava nas criadas, no infindável número de criadas, nos quartos de dormir, no infindável número de quartos de dormir. A multidão tornava-se maior, juntando-se-lhe um cavalheiro já de idade acompanhado por um *terrier* escocês e uma série de homens desocupados. O pequeno Mr. Bowley, que tinha os seus aposentos no Albany e cuja figura de cera estava vedada às fontes mais profundas da vida, embora pudes-se quebrar de forma súbita, inapropriada e sentimental perante este género de coisas – mulheres pobres à espera de verem a rainha passar – mulheres pobres, criancinhas simpáticas, órfãos, viúvas, a Guerra – basta, basta! –, estava agora literalmente com lágrimas nos olhos. Uma brisa flutuante e morna varreu a Mall, atravessando as árvores esquálidas e os heróis de bronze, tendo erguido uma bandeira que esvoaçava no peito britânico de Mr. Bowley, que logo levou a mão ao chapéu assim que o automóvel fez a curva para entrar na Mall e depois o ergueu ao ver o carro aproximar-se; e então, permitindo

que as pobres mães de Pimlico se encostassem a ele, adoptou uma postura muito direita. O automóvel aproximou-se.

De repente, Mrs. Coates olhou para o céu. O ruído de um aeroplano perfurou ameaçadoramente os ouvidos da multidão. Lá estava ele, a aproximar-se por cima das árvores, largando um rastro de fumo branco que se torcia e retorcia; na verdade escrevia algo, desenhava letras no céu! Toda a gente olhou para cima.

Caindo a pique antes de voltar a subir às alturas como uma seta, o aeroplano desenhou uma curva, dando uma volta completa na vertical, depois deslizou a grande velocidade, afundou-se e subiu novamente, e fizesse o que fizesse, fosse para onde fosse, deixava sempre a esteira esvoaçante de uma espessa coluna de fumo branco que se retorcia e rendilhava o céu com letras. Mas que letras? Seria um C? Um E e depois um L? Conservavam-se intactas apenas por breves instantes; depois deslocavam-se, desvaneciam-se e eram novamente apagadas do céu, e então o aeroplano deslizava para mais longe e, num novo espaço em branco no céu, começava a escrever um K, um E, talvez um Y?

– Glaxo – disse Mrs. Coates com uma voz esganiçada, não tirando os olhos do céu, e também o seu bebé olhava fixamente para cima, muito hirto e pálido nos seus braços.

– Kreemo – disse Mrs. Bletchley num murmúrio, como uma sonâmbula. Segurando ainda o chapéu na mão, sem mexer um dedo, Mr. Bowley olhava fixamente para o céu. Ao longo da Mall, toda a gente tinha parado e olhava agora para cima. Enquanto olhavam, o mundo inteiro mergulhava num silêncio absoluto, e um bando de gaivotas atravessou o céu, primeiro uma gaivota na dianteira, depois outra, e no meio desta paz e deste silêncio extraordinários, deste palor, desta pureza, os sinos tocaram onze vezes, tendo a toada esmorecido lá no alto, por entre as gaivotas.

O aeroplano fez uma curva, deslizou velozmente e desceu num ápice, alcançando exactamente o ponto pretendido, com deslocações rápidas e desenvoltas, à semelhança de um patinador.

– Aquilo é um E – disse Mrs. Bletchley – ou um dançarino.

– É caramelo – murmurou Mr. Bowley (e o automóvel atravessou os portões e ninguém olhou na sua direcção), e então, já sem

deitar fumo, o aeroplano afastou-se e voou para cada vez mais longe, e o fumo dispersou-se no céu e foi-se juntar às formas amplas e brancas das nuvens.

Tinha desaparecido; estava por trás das nuvens. O ruído cessara. As nuvens às quais as letras E, G ou L se tinham agarrado deslocavam-se livremente, como se destinadas a fazer a travessia de ocidente a oriente, incumbidas de uma missão da maior importância, cuja natureza jamais seria revelada, mas que não deixava de ser isso mesmo – uma missão da maior importância. Então, de súbito, como um comboio que sai de um túnel, o aeroplano irrompeu novamente das nuvens, produzindo um ruído que perfurou os ouvidos de todas as pessoas que se encontravam na Mall, em Green Park, em Piccadilly, em Regent Street e em Regent's Park, e a barra de fumo espiralou no seu rastro antes de cair a pique e de voltar a subir em flecha, escrevendo uma letra atrás da outra – mas qual seria a palavra que estava a ser escrita?

Sentada ao lado do marido num banco do Broad Walk de Regent's Park, Lucrezia Warren Smith ergueu o olhar para o céu.

– Olha, olha, Septimus! – exclamou. Pois o Dr. Holmes lhe tinha recomendado que encorajasse o marido (que não tinha nada de grave, andava apenas um tanto abatido) a interessar-se por coisas que não dissessem directamente respeito à sua própria pessoa.

Estão a enviar-me sinais, portanto, pensou Septimus ao olhar para cima. Não eram propriamente palavras; isto é, ele ainda não conseguia perceber aquela linguagem; mas era bastante evidente, toda aquela beleza, aquela encantadora beleza, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas enquanto olhava para as palavras de fumo que enlanguesciam e se derretiam no céu, revelando-lhe, com uma infinita caridade e uma risonha afabilidade, forma após forma de uma beleza inimaginável e assinalando a sua intenção de proporcionar-lhe, de graça e para sempre, beleza, mais beleza, só por ele estar a olhar! As lágrimas corriam-lhe pelas faces.

Era caramelo; estavam a fazer publicidade a uma marca de caramelos, ouviu Rezia da boca de uma ama. Juntas, começaram a soletrar C... a... r...

«Que sinto eu sobre os meus escritos? — este livro,  
ou seja, *As Horas*, se é que terá este título?

Devemos escrever com base num sentimento profundo,  
dizia Dostoiévski. E eu escrevo? Ou invento com palavras,  
amando-as como as amo? [Neste livro] Quero mostrar  
vida e morte, sanidade e insanidade; quero criticar  
o sistema social e revelar o seu funcionamento,  
em toda a sua intensidade.»

in *Diário* [19 de Junho de 1923], Virginia Woolf

Longa jornada para a vida; para Londres; para um dia de Junho, *Mrs. Dalloway* é um dos romances mais conhecidos de Virginia Woolf e uma obra-prima do Modernismo, que ajudou a inaugurar. A autora quis que este livro, de forma e estilo tão singulares, fosse uma reflexão sobre a loucura e o suicídio; o mundo visto pelos sãos e pelos insanos, lado a lado: pela anfitriã Clarissa Dalloway e pelo seu contraponto, o veterano de guerra Septimus Warren Smith.

Virginia Woolf considerou *Mrs. Dalloway*, publicada em 1925, a sua grande obra. Fascinante e insubmissa, trouxe-lhe agonia durante o processo de escrita, mas também propiciou uma descoberta: em cada uma das personagens, Woolf escava maravilhosas galerias das quais extrai precisamente o que quer — humanidade, humor, desespero; galerias essas que depois se unem e iluminam no momento presente de uma festa de fim de dia.

ISBN 978-989-564-359-2  
9 789895 643592



cavalo de ferro